RÁDIO CRISTIANDAD - A Voz da Tradição Católica
Publicado na quarta-feira, 17 de março de 2021 por P.VerboVen
A armadura de Deus

O MISTÉRIO DO PECADO ORIGINAL

PADRE ROGER-THOMAS CALMEL, OP.

Índice temático:

– 1. Fontes bíblicas.
– 2. A Geração transmite esse pecado.
– 3. Analogia extraída da relação entre os membros e a vontade na mesma pessoa.
– 4. Gravidade da geração. A santidade dos pais.
– 5. Monogenismo.
– 6. Limites da paleontologia. Os dois modos de expressão à nossa disposição para falar do estado primário do homem.
– 7. Comentário de Dom Calmet sobre Gênesis.
– 8. Batismo e Limbo.

– 1. Fontes bíblicas

A base bíblica mais explícita para nossa crença no pecado original não está no livro de Gênesis.

Os primeiros capítulos deste primeiro livro da Sagrada Escritura são particularmente ricos; Elas nos ensinam muitas verdades que são fáceis de enumerar. Mas só encontramos ali, de forma velada, o dogma de fé definido pelo Concílio de Trento: todo homem vem ao mundo em um estado de separação de Deus, marcado por um pecado que é transmitido de geração em geração.

Este é o texto conciliar:

I. Se alguém não confessar que Adão, o primeiro homem, ao transgredir o preceito de Deus no Paraíso, perdeu imediatamente a santidade e a justiça em que foi constituído, e incorreu, pela culpa de sua prevaricação, na ira e indignação de Deus, e consequentemente na morte com que Deus o havia ameaçado anteriormente, e na morte em cativeiro sob o poder do mesmo que depois teve o domínio da morte, isto é, do diabo, e não confessar que todo Adão passou pelo pecado de sua prevaricação a um estado pior de corpo e alma; seja excomungado.

II. Se alguém afirma que o pecado de Adão prejudicou somente a ele, e não aos seus descendentes; e que a santidade que recebeu de Deus, e a justiça que perdeu, ele perdeu somente para si mesmo, e não também para nós; ou que, infectado pela culpa de sua desobediência, transmitiu apenas a morte e os castigos corporais a toda a raça humana, mas não o pecado, que é a morte da alma; seja excomungado: pois contradiz o Apóstolo que diz: “Por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte; e assim a morte passou a todos os homens por aquele em quem todos pecaram” (Rom. V, 12).

III. Se alguém afirma que este pecado de Adão, que é único na origem e transmitido a todos pela geração, não por imitação, se torna próprio de cada um, ele pode ser removido pelas forças da natureza humana, ou por qualquer outro remédio que não o mérito de Jesus Cristo, nosso Senhor, o único mediador, que nos reconciliou com Deus pela sua paixão, tornando-se para nós justiça, santificação e redenção; ou nega que o mesmo mérito de Jesus Cristo se aplique tanto aos adultos como às crianças através do sacramento do batismo, conferido exatamente segundo a forma da Igreja; seja excomungado: “porque não há outro nome dado aos homens na terra, pelo qual a salvação possa ser obtida”. É daí que vem aquela voz: “Este é o Cordeiro de Deus; este é aquele que tira o pecado do mundo”. E também aqueles: “Todos vocês que foram batizados se revestiram de Jesus Cristo.”

Que todo homem, pelo simples fato de nascer, herda um castigo, isso está expresso com suficiente clareza no Gênesis; assim como o anúncio de um Salvador que quebrará as garras de Satanás.

O que permanece obscuro e encoberto é a ideia muito precisa de um pecado que é transmitido de geração em geração; Porque é em estado de pecado que todo homem é gerado por Adão, e não somente em estado de humilhação e dor.

Para que esta verdade sobrenatural viesse à luz, foi necessário esperar até o Novo Testamento, o ensinamento de São Paulo no famoso texto do quinto capítulo da Epístola aos Romanos: “O pecado entrou no mundo por um só homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por aquele em quem todos pecaram” (Rom. V, 12).

Por que demorou tanto para tal revelação? Por que adiar até depois da vinda de Jesus Cristo, até depois de sua morte e ressurreição, a proclamação explícita de uma verdade tão transcendental?

Sem dúvida porque era inapropriado deixar o homem saber a extensão máxima e a universalidade de sua queda antes de lhe trazer libertação e redenção. O homem estaria exposto ao desespero se soubesse com total clareza que uma falha estava infectando sua natureza, sem saber que essa falha era verdadeiramente feliz.

Félix culpa, porém, considerada em si mesma, e não como ocasião para misericórdia superabundante, esta falta é infinitamente triste; Consiste, de fato, no fato de que a natureza humana, que é transmitida a todos através das gerações, encontra-se em todos desviada de Deus, privada da graça e dos dons preternaturais que deveria ter, enfraquecida para o bem e atraída para o mal = *Gratuitis spoliatus, vulneratus in naturalibus. – Natura in se curva est* (Despojada de graça, ferida em suas faculdades naturais. A natureza está recolhida em si mesma).

A natureza humana será transmitida ao último ser humano que for concebido, em um estado não de graça, mas de pecado, de separação de Deus. Uma exceção: a Santa Mãe de Deus, Maria concebida sem pecado. Posto de lado, todo homem deve dizer: *Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum*. E ele deve implorar a purificação das manchas escuras que ainda permanecem, mesmo quando o pecado foi lavado: *Ab occultis meis munda me.*

***

– 2. A Geração transmite esse pecado

São Paulo não usa a palavra geração quando fala da transmissão do pecado original. Mas a partir do seu texto inspirado fica claro que o pecado é transmitido ao mesmo tempo que a natureza é comunicada. A culpa chega a cada pessoa ao mesmo tempo que a natureza, isto é, através da geração. Foi assim que a Igreja sempre o entendeu (ler o cânon II do Concílio de Trento, citado acima).

Mas como entendemos que essa geração nos coloca em estado de pecado?

Entendemos que a geração nos constitui num estado de saúde mais ou menos vigoroso, em relação à saúde e vitalidade dos pais; Mas é possível que a geração constitua um estado de pecado?

De fato, diferentemente da saúde e da doença, que não dizem respeito diretamente à nossa alma, o pecado, em si mesmo e por definição, compromete a nossa própria alma, implicando uma certa orientação da alma e da liberdade.

Como a geração pode ter poder sobre a direção da alma? A resposta é que a geração não tem esse poder diretamente. Sua virtude própria é transmitir a natureza. Mas ela só pode transmitir a natureza derivando do primeiro pai e retornando a ele.

Ora, assim como na hipótese da fidelidade de Adão, as gerações sucessivas teriam comunicado a graça e a justiça original ao mesmo tempo que a natureza, assim, na situação fática atual, a geração comunica o estado de pecado juntamente com a natureza, isto é, a separação de Deus e a inclinação para o mal.

Esclareçamos a este respeito que o pecado herdado e transmitido é o primeiro pecado de Adão, não os outros; e, novamente, esse pecado é transmitido, não como um pecado pessoal de orgulho cometido por Adão, mas como o desvio da vontade e a separação de Deus que eram necessariamente um com esse pecado de orgulho.

É impossível pensar que cada um dos filhos de Adão teria cometido, mesmo em virtude de alguma delegação ou imputação, o pecado de orgulho que é pessoal de Adão; porque na verdade são Adão e Eva os responsáveis por terem querido tornar-se deuses e por terem comido o fruto proibido; não somos nós.

Contudo, é preciso crer que o estado de separação de Deus que esteve envolvido nesse pecado de orgulho afetou a própria natureza de uma vez por todas e teve que ser transmitido com a natureza e pelo mesmo meio: através da geração.

Assim, o primeiro pecado de Adão distingue-se de todos os pecados que ele poderia ter cometido até a sua morte, assim como se distingue de todos os pecados de todos os outros homens; De fato, é transmissível como o primeiro pecado do primeiro pai.

O pecado original é único porque priva toda a espécie humana da graça em cada um de seus membros, fere-a por meio de paixões e a sujeita ao sofrimento e à morte. Neste sentido, ele é de fato o grande mal do mundo, o maior, como explica São Tomás (III, q. 1, art. 4).

E este primeiro pecado tem um duplo aspecto:

– como pecado pessoal de orgulho, não afeta a raça humana; É um ato pessoal de Adão, não é hereditário;

– mas como uma separação de Deus, uma privação da graça, ela atinge toda a linhagem que dele emanou, é herdada por todos.

***

– 3. Analogia extraída da relação entre os membros e a vontade na mesma pessoa

A analogia proposta por Santo Tomás (Ia-IIae, q. 81 ss.) para introduzir a compreensão deste mistério é tomada a partir da pessoa individual e da relação que existe entre a vontade e os membros.

Assim como no pecado real de uma pessoa individual, num homicídio, por exemplo, a mão se torna culpada, não em si mesma e considerada isoladamente, mas por causa da vontade que a move, assim também no pecado que afeta os descendentes do primeiro pai, cada um de nós é culpado por causa do nosso vínculo de origem carnal com este primeiro pai, cuja má vontade separou a natureza humana de Deus.

Filhos de Adão, somos em certo sentido um só corpo com ele e compartilhamos de sua culpa, assim como em uma pessoa individual os membros formam um só corpo e compartilham o bem ou o mal da vontade.

A diferença é grande, porém, porque no corpo físico da pessoa individual a mão do assassino é acusada de pecado não como um sujeito responsável, mas como um simples instrumento, enquanto no corpo misterioso formado pela multidão dos filhos de Adão, cada um é carregado com o pecado como um sujeito, como uma pessoa singular; somente que, se cada um está sobrecarregado com o pecado, ele não é culpado de um ato de pecado, de um pecado atual, mas é herdeiro de um estado de pecado que deriva da natureza que ele recebe.

A analogia não elimina o mistério. Não havia necessidade absoluta de que o pecado de Adão tocasse e estragasse a natureza humana em todos aqueles que o receberiam por geração, já que a natureza humana em todos os seus membros estava separada de Deus; Nem havia necessidade absoluta de que a fidelidade de Adão, se ele tivesse perseverado na amizade de Deus, tivesse sido comunicada a todos como um dom de nascimento.

O mistério permanece, pelo menos parece que, se está acima da razão, não é contra ela.

De fato, não é contra a razão que a dependência da ordem de origem nos une tanto ao primeiro pai a ponto de ter um efeito pecaminoso sobre nossa alma, assim como, analogamente, a dependência dos membros do corpo em relação à vontade resultará em um efeito pecaminoso sobre os membros.

Seria contrário à razão que a criança, ainda inconsciente e irresponsável, fosse culpada de um pecado real e fosse punida de acordo, enviada ao inferno do ódio e do tormento, por causa de sua ligação com o primeiro pai.

Mas não é irracional que ele herde um estado de pecado ao herdar através da geração uma natureza que foi corrompida, com o título de natureza, pelo primeiro pai.

Se nos lembrarmos de que a nossa solidariedade com Adão e o seu pecado, em razão da origem, foi permitida em vista de uma solidariedade muito mais íntima com Jesus Cristo em razão da Redenção e regeneração pela graça, então entendemos sobretudo que, se o mistério do pecado original ultrapassa a razão, ele não ofende.

A recapitulação do Adão pecador é iluminada e adocicada se considerarmos a recapitulação em Jesus Cristo, justo e santo; santo com a santidade do Filho de Deus feito homem.

***

– 4. Gravidade da geração. A santidade dos pais.

É impossível meditar sobre o pecado original sem ser abalado pela gravidade da geração. Parece, de fato, que a obra da carne transmite a natureza humana em virtude de seu destino supremo, isto é, em nosso estado de coisas, em virtude do qual ela está separada de Deus, privada da graça.

Não pode ser de outro modo, pois a geração se realiza na dependência do primeiro pai que, por sua infidelidade, colocou nossa natureza em um estado ofensivo a Deus.

Que o Batismo venha rapidamente para que, através da regeneração em Cristo, aquela vida sobrenatural da qual fomos privados de geração em geração desde a primeira Era possa ser restaurada!

Se tantos cristãos perderam o sentido do sagrado na geração, se falam dele com tão terrível descaramento, é porque não creem em Adão, nosso primeiro pai, nem em Nosso Redentor Jesus Cristo. O pecado original tornou-se tão estranho para eles quanto a salvação pela Cruz; Ao ouvi-los, parece que um novo dogma, o do planejamento familiar, substituiu os dogmas revelados da Queda e da Redenção.

Talvez me perguntem: se Adão se arrependeu, pois gerou filhos e filhas, depois de ter sido perdoado por Deus, como é que, nessas condições, ele não transmitiu nenhuma graça, que havia recuperado, senão o pecado, o estado de pecado?

A mesma questão se coloca, e é ainda mais urgente, para os pais cristãos, regenerados pelo Batismo, santificados pela vida evangélica. Devemos responder que o pecado privou Adão da vida sobrenatural não apenas para si mesmo, mas também na medida em que formou um corpo com a natureza. O arrependimento restaurou Adão à graça de Deus para si mesmo e em sua capacidade pessoal, mas não sob o título em que era, por assim dizer, um bem da natureza e a ser transmitido com ele.

Depois da queda de Adão, o que será transmitido de geração em geração é a natureza em estado de privação da graça e de desordem íntima; a santidade pessoal dos pais não muda em nada... embora mude muito, se se trata de educação, e até mesmo das disposições inatas para uma vida segundo a graça.

O pecado original afeta primeiro a natureza e, portanto, se estende a toda pessoa dessa natureza; enquanto a Redenção afeta a pessoa primeiro.

Chegará o dia em que a Redenção tocará completamente a natureza, libertando-a não apenas do pecado, mas de todo castigo. No entanto, esse dia foi adiado. Devemos esperar até que toda geração carnal seja abolida, com a ressurreição geral, no fim do mundo.

***

– 5. Monogenismo

Assim, por um só homem entrou o pecado no mundo… todos pecaram nele (Rom. V, 12). O Concílio de Trento explicita estas palavras de São Paulo quando define: “É uma só na origem e se transmite a todos por geração, não por imitação, mas torna-se próprio de cada um” (Cânon 3).

Vemos imediatamente que o monogenismo, embora não seja (ainda) um dogma definido, está necessariamente envolvido no dogma do pecado original.

Se, de fato, não temos todos a mesma origem, se não somos todos filhos de Adão e Eva, como o pecado original poderia nos afetar? Como podemos continuar falando sobre o pecado original se há vários pais na origem da humanidade? Ou diremos que esses muitos casais foram elevados à vida sobrenatural, que todos pecaram e passaram seus pecados para nós?

Talvez não seja impensável, embora seja difícil entender como qualquer um desses primeiros pais múltiplos não conseguiu perseverar. Só que, ainda que seja concebível, não é o que é afirmado no Apocalipse.

Em teologia não precisamos pensar em coisas que, afinal, poderiam ter acontecido; mas sobre o que nos é revelado e que sem dúvida aconteceu. Teologia não é uma ficção romântica. Ela só quer ir mais fundo e raciocinar em virtude de uma submissão prévia a um certo fato, atestado por Deus.

Ora, está atestado que foi o pecado cometido por Adão que feriu cada um de nós, e não que muitos Adãos pecaram e nos transmitiram seu pecado.

» Contudo, no que se refere à outra hipótese, a do poligenismo, os filhos da Igreja não gozam da mesma liberdade, porque os fiéis cristãos não podem aceitar a teoria de que depois de Adão houve na terra homens verdadeiros que não procedem do mesmo protoparente por geração natural, ou que Adão significa a soma de muitos primeiros pais, porque não é claro como tal sentença pode ser conciliada com o que as fontes da verdade revelada e os documentos do Magistério da Igreja ensinam sobre o pecado original, que procede de um pecado verdadeiramente cometido por um só Adão, individual e moralmente, e que, transmitido a todos os homens por geração, é inerente a cada um deles como seu (cf. Rom. V, 12, 19; Conc. Trid., ses. V, can. 1-4)». (Encíclica *Humani Generis* de Pio XII, em 1950).
Talvez a objeção mais difundida contra o monogenismo seja agora completamente enganosa. Afirma-se que as definições tridentinas são mantidas intactas, mas elas são completamente anuladas em nome de perspectivas científicas ignoradas no século XVI.

Eles não pretendem suprimir a famosa definição "Este pecado é uno em sua origem e transmitido a todos por geração, não por imitação, torna-se próprio de cada um", mas interpretam os termos uno em sua origem de um ponto de vista evolucionário desconhecido pelos Padres de Trento, de tal forma que, como nos dizem sem rir, uno em sua origem significa, na verdade, múltiplo por origem.

Os Padres Conciliares obviamente não suspeitavam que uma interpretação tão estranha fosse possível. Portanto, eles não pensavam que os dogmas, com suas implicações necessárias, estivessem sujeitos às mudanças, flutuações e variações das ideias científicas ao longo dos séculos.

Agora, obviamente, foram os Padres Conciliares que estavam certos. A regra da nossa fé não é de modo algum o progresso da ciência, mas a Revelação divina tal como é guardada e traduzida pelo Magistério.

Aqueles que ousam interpretar, em nome de novas perspectivas científicas, o uno na sua origem no sentido de múltiplo pela sua origem, devem compreender que não têm a fé da Igreja; caíram no modernismo.

Deixe que eles se recuperem disso. Que eles também renunciem ao seu propósito de agradar a Jesus Cristo e ao mundo ao mesmo tempo. Porque eles não fazem nada mais quando tentam encontrar uma articulação entre proposições mutuamente exclusivas. De fato, não há conexão entre o dogma do pecado original, conforme definido, e a teoria poligenista.

Aceitamos um e rejeitamos o outro, mas não podemos admiti-los simultaneamente.

Da mesma forma, apesar de todas as sutilezas, habilidades e truques, nenhuma conexão será encontrada entre a fidelidade à Igreja e "a construção do socialismo". Um rejeitará o outro, mas eles não andarão juntos.

Da mesma forma, não encontraremos conexão entre os métodos contraceptivos, mesmo aqueles baseados na progesterona, e a observância da lei divina sobre o matrimônio: teremos que concordar que essa lei é violada se não renunciarmos à contracepção, mas nunca seremos capazes de conciliar o irreconciliável.
Tudo isto é simples se admitirmos, segundo a palavra do Senhor, que ninguém pode servir a dois senhores: o espírito do mundo com os seus sofismas e o Espírito Santo que nos fala através do Magistério da Igreja; Se aceitarmos que a missão do apóstolo é dar testemunho da verdade que lhe foi confiada, mesmo que isso signifique ser rejeitado ou aceito. A graça do apostolado é dada para nos tornar capazes dessa força e dessa simplicidade.

O argumento usado para defender o poligenismo é na verdade nulo. Pretende-se que a ciência caminhe nessa direção. Contudo, isso não é totalmente certo; Os cientistas estão profundamente divididos sobre esta questão; Eles não formulam um argumento decisivo.

E então, mesmo que a ciência siga nessa direção, ela sempre será incapaz de dizer se é necessário ramificar-se antes de chegar ao seu fim.

Supondo que o estudo dos fósseis aponte para o poligenismo, é improvável que esse estudo nos apresente os primeiros vinte, trinta, cinquenta ou quinhentos homens que teriam surgido na face da Terra como os ancestrais da humanidade atual. A ciência nunca saberá, porque os fósseis que ela encontra não têm placas de carro nos pulsos, nenhuma indicação cronológica confiável capaz de estabelecer a certeza.

A única certeza nos é dada pela revelação daquele que foi o autor e a testemunha, isto é, o próprio Senhor Deus. E sua revelação nos fala de um pai e uma mãe no início de toda a humanidade; Adão e Eva, e mais ninguém.

De onde vem o entusiasmo de tantos clérigos pelo poligenismo? Não parece exagero dizer que, pelo menos em alguns casos, diante dos homens de ciência (ou daqueles que passam por tais) eles têm medo de ser homens de Revelação; Diante dos homens de conhecimento racional (e de um conhecimento racional que não é o mais elevado, sendo apenas "científico") eles se envergonham de serem homens de conhecimento divino. É de se perguntar se eles têm a coragem de sua dignidade. Ainda nos perguntamos se o senso de adoração deles não está tristemente enfraquecido e se eles não desconhecem a soberania de Deus, sua transcendência e sua liberdade. A rigor, eles admitem que Deus intervém na origem do homem, mas então deve haver uma intervenção que não é de modo algum milagrosa, magnífica e muito menos sobrenatural; uma intervenção que se aproxima lentamente no círculo fechado deste famoso poligenismo, que eles decidiram ser uma lei do aparecimento das espécies. Como se Deus não tivesse liberdade de fazer exceções às leis da natureza. E, além disso, não foi provado que o poligenismo seja uma lei da natureza, longe disso.

Com a Santa Igreja professamos o monogenismo.

Não esse falso e mesquinho monogenismo que admite um único casal somente sob uma condição escandalosa: Adão e Eva teriam sido idiotas segundo a natureza e inconscientes segundo a graça.

Pelo contrário, de acordo com o monogenismo católico, sustentamos que Adão e Eva foram criados em um esplêndido estado de justiça e santidade, um estado de privilégio; Eles eram cheios de graça, adornados com dons sobrenaturais, muito belos em seus corpos, preservados da morte, livres de toda luxúria, protegidos das inclemências da natureza e do sofrimento pessoal.

Em todos esses pontos o ensinamento de Gênesis é muito claro. É até confirmado e especificado pelos Concílios.

O poligenismo se opõe frontalmente não apenas ao dogma definido em Trento, mas também à palavra formal do Senhor sobre a monogamia primitiva. Não é algo frequentemente enfatizado, mas ainda assim é óbvio. Aos fariseus, que pretendiam autorizar o divórcio, o Senhor responde muito claramente afirmando a instituição primordial do matrimônio monogâmico: "Aquele que criou o homem, desde o princípio os criou homem e mulher, e disse: Por isso deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e serão os dois uma só carne" (Mateus XIX, 4-6).

Essas palavras implicam claramente que havia apenas um homem e uma mulher no início da nossa espécie.

Como os defensores do poligenismo conseguem fazer com que sua teologia se ajuste ao texto do Evangelho?

Dirão, por exemplo: mesmo tomando o homem e a mulher num sentido coletivo e plural, podemos salvaguardar a monogamia primitiva; É legítimo supor, de fato, que se trata de um número estritamente igual de meninos e meninas gerados por bestas hominíneas; Quando atingiram a idade de casar, esses primeiros homens e mulheres foram unidos por Deus, sem dificuldade, em casamentos estritamente monogâmicos.

Esta hipótese não é isenta de especioso apimentado; é razoavelmente estranha. Mas, acima de tudo, ela está carregada de um vício radical para os poligenistas, porque recorre a um milagrismo desesperado.

Muitos milagres teriam sido necessários para obter, do florescimento poligenético dos humanos, uma monogamia original absoluta.

Contudo, os poligenistas não querem ter nada a ver com o milagre. Eles tentam encerrar a obra divina no que supõem ser a lei inflexível do aparecimento do vivo: a poligênese. Mas, como persistem em rejeitar o milagre simples e harmonioso da criação do homem e da mulher, conforme relatado na Bíblia, eles são forçados a imaginar uma série de milagres desordenados para reconciliar a monogamia original, que eles estão tentando manter, e o poligenismo, que eles se recusam a abandonar.

Queremos apenas que você se concentre na sua própria contradição, isto é, esse recurso obrigatório a milagres estranhos quando você quer descartar milagres.

E tudo isso por ter sonhado em reconciliar o irreconciliável: a fábula poligenista e a doutrina da Igreja sobre a monogamia originária.

Também desejamos um pouco de modéstia aos poligenistas. Sua presunção é incomensurável. Eles afirmam ser os primeiros, desde os Apóstolos, a saber ler as Escrituras, os Padres e os Concílios. Por quase dois milênios, a Igreja explicou a origem do homem em um sentido monogenista. Por quase dois mil anos, comentaristas católicos e liturgias unânimes falaram de Adão e Eva como um casal único, cuja natureza e culpa herdamos. E agora bastaria que aparecessem os defensores do poligenismo para que isso mudasse completamente, e seríamos obrigados a ler pluralidade de origem onde sempre lemos, durante vinte séculos, unidade, singularidade.Esses senhores realmente não têm dúvidas sobre nada.

Sem mencionar que sua teoria leva diretamente ao racismo. Se tivermos vários primeiros pais, se não formos todos da mesma linhagem, sendo um em Adão (em quem todos pecamos), então será muito difícil escapar da ideia racista de alguma linhagem privilegiada, destinada por sua origem especial a esmagar os descendentes infelizes de outra linhagem.
Os poligenistas fariam bem em pensar sobre essas consequências terríveis.

– 6. Limites da paleontologia. Os dois modos de expressão de que dispomos para falar do estado primário do homem

Se a revelação do pecado original, como pecado, tem como principal base escriturística o quinto capítulo da Carta aos Romanos, por outro lado, quando se trata da justiça original perdida pelo pecado, a principal base escriturística encontra-se nos capítulos dois e três do Livro do Gênesis. Veremos isso ainda melhor lendo os comentários de Dom Calmet, aquele exegeta querido e erudito que viveu no início do século XVIII.

Enquanto eu estava na biblioteca, imerso com entusiasmo nos textos de Dom Calmet, enquanto admirava esse pensamento tão honesto e tão cristão, essa expressão límpida, generosa, relaxada, eis que um "especialista" em Sagrada Escritura cruzou meu caminho e declarou calmamente, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo: "Está bem superado. Este não é o nosso problema."

Isto é indubitavelmente verdade, seja no que diz respeito à localização do paraíso terrestre ou a questões semelhantes. Os exegetas contemporâneos compreenderam melhor como o autor sagrado não pretendia fornecer informações geográficas sobre o Éden.

Mas quando se trata do estado de justiça original, da tentação e da queda, e acima de tudo da criação de Adão e Eva, a problemática de Dom Calmet é tão relevante em nosso tempo quanto era há dois séculos.

Dom Calmet compreendeu muito bem que Moisés nos ensina um conjunto de fatos reais, historicamente ocorridos, embora numa forma literária que não é a da história no sentido atual da palavra.

Dom Calmet vê isso como os modernos e sabe como expressar isso em uma linguagem honesta e tranquila, que os especialistas contemporâneos não encontraram.

Leremos parte do seu comentário abaixo.

Notemos, em primeiro lugar, que, para conhecer os factos das nossas origens, tal como a fé no-los garante, temos apenas a escolha entre duas formas de apresentação:

– ou uma apresentação por meio de enunciados abstratos: aquilo que se deduz dos textos infalíveis dos Concílios;

– ou uma encenação específica, a do Gênesis, que conta o que aconteceu historicamente, mas sem o rigor científico da história no sentido moderno.

A terceira apresentação, tão desejada por alguns, uma apresentação rigorosamente científica e de acordo com a fé, nunca foi feita e, em nossa opinião, nunca poderá ser feita.

Em vez disso, recordemos as declarações abstratas que contêm a nossa fé e, como exercício, tentemos elaborar uma transcrição rigorosamente científica.

Como chegar lá? Qual poderia ser a tradução em termos científicos das seguintes afirmações: Deus criou o homem em estado de inocência, felicidade e santidade; Ele lhe fez uma auxiliadora semelhante a ele; uniu-os num matrimônio indissolúvel; colocar seu amor e obediência à prova?

Na apresentação bíblica desses eventos absolutamente verdadeiros, alguns são traduzidos de uma forma que é ao mesmo tempo concreta e fiel.

Essa tradução é possível na linguagem da ciência?

Digamos, por exemplo, que Deus usou um animal pré-existente e já adulto para formar o corpo do primeiro homem? Ninguém pode provar isso.

Deveríamos dizer, por outro lado, que o corpo do primeiro homem "resulta da infusão de uma alma humana em uma célula (animal germinativa) pré-ordenada" para isso? Como testar?

E de qualquer forma, estamos apenas adiando o problema. Porque, supondo, o que é repugnante, que um animal dê à luz um homenzinho, como representamos a conservação e a educação deste primeiro bebê da nossa espécie? Se reivindicamos uma Providência cuidadosa que realiza milagres para defendê-la e salvá-la, estamos apenas multiplicando intervenções milagrosas, quando na realidade estamos buscando uma visão científica que precisamente evita milagres o máximo possível.

O mesmo se aplica à origem da mulher, se ela for extraída, em nome da ciência, da célula germinativa de alguma besta pré-ordenada para essa promoção.

E isso não é tudo. Se alguém quiser explicar cientificamente como o primeiro homem e a primeira mulher, trazidos ao mundo por algum animal, cresceram entre animais selvagens desde a mais tenra infância sem serem devorados, então, quando atingiram a idade de casar, como eles acabaram reunidos no vasto planeta?

Em suma, se alguém tentar expressar em termos científicos as declarações de fé sobre nossas origens, embarcará em uma série de invenções estranhas e fantásticas, todas elas entrelaçadas com milagres que, no final, não se baseiam em nenhum argumento científico sólido.

Concordemos de uma vez por todas sobre isto: embora as ciências pré-históricas e paleontológicas tenham avançado muito desde Boucher de Perthes, há um fato que permanece fora de seu alcance: o aparecimento no globo, com suas circunstâncias reais segundo a natureza e segundo a graça, do primeiro homem e da primeira mulher.

As ciências pré-históricas e paleontológicas são capazes de determinar, até certo ponto, o que aconteceu com os descendentes do primeiro homem e da primeira mulher; Há evidências de sua condição mortal, de seu senso religioso, de sua intuição artística; Fósseis em grande número nos trazem seus testemunhos incontestáveis.

Mas para os dois primeiros da nossa espécie, não existe nenhum fóssil do qual possamos dizer: aqui está o corpo dos primeiros pais. E mesmo que pudéssemos afirmar isso, a linguagem da paleontologia, que é a ciência

dos fósseis, não seria capaz de expressar o que aconteceu com os homens que, justamente, estavam isentos da necessidade de se tornarem fósseis.

A linguagem da ciência paleontológica é construída a partir de documentos que revelam não qualquer estado da humanidade, mas um estado muito específico: aquele em que o homem se tornou mortal e fossilizável.

Mas o que nos interessa é, por definição, um estado completamente diferente do homem: a condição privilegiada da justiça original.

Os documentos fósseis não nos permitem comentar sobre isso. Restam ou as afirmações dos textos conciliares que usam uma linguagem não "científica", mas ontológica, ou a encenação poética e concreta, mas também ontológica, do início do Gênesis.

Parece-me que os limites intransponíveis da expressão humana raramente são apontados quando se utiliza a linguagem científica, seja ela biológica ou paleontológica. No entanto, é bastante claro. A biologia, por exemplo, não pode expressar o que pertence à espiritualidade como tal; e, da mesma forma, a paleontologia não pode descrever o que pertence a um estado no qual suas descobertas fósseis não ocorrem.

Se falo de biologia é porque penso no estado dos corpos depois da ressurreição geral. É verdade que sua condição será muito diferente daquela da vida presente: nem comida, nem sono, nem geração (I Cor. XV). Portanto, a biologia não pode nos dar nenhuma informação válida aqui, pois ela estuda a vida apenas na condição presente.

Temos apenas duas fontes de informação:

– em primeiro lugar, as declarações do Magistério da Igreja sobre esta questão,

– depois as vivas evocações dos Evangelhos Sinópticos e de São João sobre as aparições de Jesus Ressuscitado.

Mas em nenhum dos casos a linguagem da ciência tem lugar ali.

Portanto, há dois estados do homem que não podem ser expressos em linguagem científica, pois sempre faltarão documentos científicos:

– o estado original da justiça antes da queda;

– o estado de glória (ou condenação) após a ressurreição do corpo.

Mas temos uma maneira de expressar ambos com sinceridade na linguagem do senso comum; Porque, diferentemente do vocabulário especializado das ciências naturais e biológicas, a linguagem do senso comum é fundamentalmente ontológica.

Sobre as questões que aqui nos preocupam ele se expressa de duas maneiras:

– se as propostas do Magistério Eclesiástico,

– ou as evocações da Sagrada Escritura, tão vivas, tão radiantes de poesia.

***

– 7. Comentário de Dom Calmet sobre Gênesis

Agora leremos alguns trechos do comentário de Dom Calmet.

E o Senhor Deus ordenou ao homem, dizendo: “De toda árvore do jardim comerás livremente; mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (II, 16-17).

“As Escrituras sempre nos representam... a ação da vontade de Adão como algo que influenciou toda a natureza humana... Ele é comparado ao Salvador, pois perdeu sua posteridade por sua desobediência, assim como Jesus Cristo a redimiu por sua obediência... É indiscutível que Adão incorreu na morte de sua alma por seu pecado, mas parece que Moisés aqui expressa diretamente apenas o efeito sensível do pecado, que é a morte do corpo.”

Então o Senhor Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja semelhante” (II, 18).

“Uma pessoa que o ajuda, que lhe convém, que é da mesma condição, da mesma natureza, da mesma qualidade que ele; que tem os mesmos interesses e as mesmas inclinações que ele.”

Então, quando o Senhor Deus formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves do céu, ele os fez desfilar diante do homem para ver como este os chamaria, e que o nome de cada ser vivo seria aquele que o homem lhe desse (II, 18).

«A ideia que as Escrituras dão do estado de Adão durante a sua inocência faz-nos concebê-lo como o senhor dos animais; Agora, ele não poderia ter exercido seu império sobre eles, se Deus não lhes tivesse dado uma submissão natural à voz e aos sinais que o homem poderia usar para comandá-los... O império de Adão sobre os animais não foi um império violento, difícil e doloroso, como este remanescente de domínio que Deus preservou para nós sobre eles."

Então o homem deu nomes a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todos os animais do campo (II, 20).

"É um sinal de autoridade nomear alguém, e é prova de profunda sabedoria saber nomear tudo pelo seu nome. Era necessário que o primeiro homem possuísse um conhecimento perfeito da natureza das coisas para poder dar-lhes nomes de acordo com suas propriedades. Os filósofos antigos admiravam, com razão, a invenção da linguagem e a perspicácia daquele que a criou e que primeiro nomeou as criaturas.

Da costela que Deus Javé tirou do homem, ele formou uma mulher e a trouxe ao homem. E o homem disse: "Desta vez ela é osso dos meus ossos e carne da minha carne; ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem" (II, 23).

«Adão, que até então não tinha encontrado ninguém que se assemelhasse a ele, que fosse da mesma natureza que ele, reconhece-se em Eva. Veja seu sangue, sua carne, seus ossos…"

Descobrir se Adão tinha uma costela a menos que nós… são perguntas infantis próprias para entreter pessoas que abusam do tempo livre.

Estavam ambos nus, Adão e sua mulher, mas não se envergonhavam (II, 25).

Moisés aponta aqui que nossos primeiros pais não se envergonhavam de sua nudez, mas não dá a razão. Em seguida, aponta que eles começaram a ver sua nudez imediatamente após o pecado e que procuraram escondê-la. Com isso, insinua que o pecado e a concupiscência que dele resulta são a única causa da desordem e da rebelião da carne contra o espírito e, consequentemente, da vergonha que a acompanha... Há uma certa vergonha vã e irracional que se baseia unicamente na opinião, na vaidade e nos maus costumes; mas há outra que se baseia na natureza e na oposição que uma coisa tem à boa ordem, à modéstia, à decência e à razão; e esta última vergonha sempre foi comum a todos os povos razoáveis e civilizados.

A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que Javé Deus tinha feito (III, 1).

A maneira como Moisés conta a história da queda de nossos primeiros pais é bastante peculiar. Ele usa expressões figurativas e enigmáticas e esconde sob uma espécie de parábola o relato de algo muito real e a história mais séria e importante que já existiu. Ele representa uma serpente, o mais astuto de todos os animais, que fala, que argumenta com Eva, que a seduz e que atrai as maldições de Deus. Parece que o historiador sagrado se esqueceu do diabo, que foi a causa primária do mal, e que toda a dor merecida pela serpente invisível recaiu sobre um animal, que foi apenas o instrumento usado pelo diabo. Em tudo isso, Moisés usa suas expressões tão bem que é fácil perceber que ele quer identificar uma serpente diferente daquela que falava com Eva; e entre as maldições com que Deus fere a serpente, há algumas que só podem recair sobre o diabo, por exemplo, o que ele diz sobre a inimizade que colocará entre a mulher e a serpente...

A mulher respondeu à serpente: “Podemos comer do fruto das árvores do jardim; mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Não comereis dele, nem tocareis nele, para que não morrais’” (III, 2-4).

A primeira mulher já havia permitido que algumas nuvens penetrassem em seu espírito e alguma frieza em seu coração, antes que a serpente se aproximasse para tentá-la. O diabo percebeu em suas disposições e aberturas para levá-la à desobediência ao seu Criador. Ela não caiu repentinamente no crime, ela perdeu sua inocência gradualmente. Ela começou com um olhar que era muito delicado e complacente para si mesma; ela tinha uma curiosidade que produziu dissipação em sua mente; ela amava sua própria excelência e seu coração esfriou em relação ao seu Deus, a quem ela devia todo o seu amor: ela se compartilhava, amava-se demais e insensivelmente sentiu pena de ser forçada a obedecer a Deus. O diabo surgiu, a tomou por sua fraqueza, bajulou sua inclinação para a independência, aumentou sua desconfiança em Deus, prometeu-lhe ciência...; completamente preenchida com essas promessas, ela esqueceu seu dever, amou seu erro, comeu o fruto e não teve dificuldade em convencer Adão, que poderia estar em uma disposição semelhante, a comer algo como ela... Eva. “imperceptivelmente deu ao diabo um vislumbre de que duvidava que a ameaça de Deus fosse absoluta.”

E, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu e deu ao seu marido, que estava com ela, e ele também comeu. De fato, os olhos de ambos se abriram, e eles perceberam que estavam nus; Então eles costuraram folhas de figueira e fizeram para si aventais (III, 6-7).

«Adão não sucumbiu à tentação da serpente, mas não teve forças para resistir às palavras da sua mulher. E se o homem está acima da mulher pela força de seu espírito e pela extensão de seu conhecimento, sua queda é mais profunda, seu orgulho mais insolente e sua desobediência mais punível... O orgulho é a fonte de todos esses crimes; Ela produz cegueira da mente, inchaço do coração, curiosidade, gula, desobediência, às quais São Paulo atribui todo o mal (Rom. V, 19): muitos se tornaram pecadores pela desobediência de um... A perturbação de suas paixões e a rebelião de sua carne contra seu espírito os confundiam. Eles reconheceram sua nudez. Eles não tinham notado isso antes porque ela não tinha nada do que se envergonhar."

Javé Deus chamou Adão (III, 8).

“Deus procura Adão como se não soubesse onde ele está. Quer dar-lhe a oportunidade de admitir sua culpa... São Bernardo (livro *De præcepto et dispensat*, c. 11) acreditava que o que tornava a culpa de Adão tão digna da ira de Deus era principalmente essa desculpa esfarrapada que ele buscava acusando sua esposa, em vez de admitir humildemente sua culpa.”

Então Deus Javé disse à serpente: "Porque fizeste isso, serás amaldiçoada como nenhum outro animal doméstico ou selvagem. Andarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida" (III, 14).

Moisés, por meio da ideia da serpente, insinuou aos israelitas sobre o castigo do diabo. Isso não deve ser tomado literalmente... indica apenas que, sempre rastejando sobre a terra, a serpente come apenas alimentos imundos e contaminados com pó... o diabo devora a terra com fúria e desespero onde quer que esteja; e se alimenta do lixo e dos crimes cometidos por homens carnais e terrenos...; o diabo considera todos os homens como seus inimigos e é considerado um adversário irreconciliável. Embora o diabo, no inflexível estado de malícia em que se encontrava quando tentou Eva, não pudesse mais merecer mais castigo, é certo que sentiu um aumento de fúria e desespero ao ver que Deus puniu sua malícia não permitindo que a queda de nossos primeiros pais permanecesse sem recurso, e prometeu vitória contra ele à mulher e àquele que dela nasceria.

Até que você retorne à terra; porque dela você foi tirado. Tu és pó e ao pó retornarás (III, 19).

«Deus não poderia ter dito nada mais claro ao homem para fazê-lo sentir-se melhor sobre seu pecado e a perda que acabara de sofrer. De terreno, ele poderia, permanecendo fiel, tornar-se imortal e eternamente feliz; e por causa do seu pecado ele está sujeito à morte e a mil desconfortos.”

Adão deu à sua esposa o nome de Eva, porque ela era a mãe de todos os seres vivos (III, 20).

Primeiro, ele deu à sua esposa o nome de Ischah (isto é, um ser semelhante a ele; um ser diferente de si mesmo, mas em quem ele se reconheceu), que é adequado para todas as mulheres. Após o pecado dela, ele a chamou de Hievah, um nome que marca sua gratidão por Deus ter preservado a vida delas após o pecado, e a esperança que ele tinha de perpetuar sua espécie com ela e transmitir a vida à sua posteridade. A Septuaginta traduz Hevah por Zoe, que em grego significa vida, como Hevah significa isso em hebraico. Zoe em grego é um nome feminino. Mas Hevah significa outra coisa: marca aquele que dá vida."

Então Javé Deus expulsou Adão do Jardim do Éden, para que pudesse trabalhar na terra da qual havia sido tirado (III, 22).

Podemos imaginar sua dor, suas lágrimas e sua confusão enquanto contemplava, a sangue frio, a perda horrível que sofrera e o abismo do mal em que ela e todos os seus descendentes haviam mergulhado. Sem dúvida, foi necessária uma fé muito forte e a ajuda onipotente da graça para impedi-la de recair em desespero diante de tão estranho infortúnio.

…O que Deus queria nos ensinar através de Moisés sobre a criação do mundo e a queda do homem.

Nesta história encontramos a solução para a multidão de dificuldades que ocuparam os maiores gênios por tantos séculos e que foram compartilhadas de tantas maneiras na moral e nas ciências naturais.
Conhecemos exatamente o autor e a origem do universo, a causa desse prodigioso transbordamento de males, crimes e corrupções que vimos reinar em todos os tempos, e que até levou alguns a duvidar da Providência sobre as coisas aqui de baixo, pois, segundo eles, elas parecem proceder de maneira desordenada, de modo que pareceria que não estaríamos honrando a Deus o suficiente se crêssemos que Ele está envolvido nelas... Depois do desfecho do pecado original, não deveríamos mais nos surpreender com essa estranha contradição no próprio homem... Mas, no meio de nossa desgraça, o feliz e consolador é que lemos aqui a promessa de nossa reconciliação e de nossa salvação; Ali encontramos o prometido Jesus Cristo, vitorioso sobre a morte e o diabo, e esta é a solução para todas as dificuldades da nossa santa religião.

Quando se reconhece o velho Adão, o prevaricador, e o novo Adão, o libertador, todas essas contradições desaparecem e todas as dúvidas são dissipadas…

O Espírito divino que governava a mão de Moisés transmitiu Suas verdades de tal maneira a lançar tanta luz quanto era necessária para convencer mentes bem-formadas e almas bem-dispostas; e que ainda há escuridão suficiente para cegar mentes e corações rebeldes que são inimigos da luz.”

***

– 8. Batismo e Limbo

A característica mais marcante do mistério do pecado original é a da continuidade com nosso primeiro pai ou da nossa recapitulação em Adão através do pecado e da condenação.

Resta que, na fé cristã, este mistério formidável é absolutamente inseparável de um mistério de misericórdia que o ilumina e o acalma: o mistério redentor de outra recapitulação e de outra continuidade.

De fato, a Redenção por meio de Cristo nos estabelece em continuidade com o Filho de Deus Encarnado, a ponto de formar seu Corpo Místico.

Entretanto, a continuidade saudável com Cristo, o novo Adão, não tem a mesma forma que a continuidade com o primeiro Adão. Embora seja suficiente ser gerado, ser filho da raça humana, derivado de Adão, para participar do estado de pecado, sem qualquer iniciativa pessoal; Contudo, para receber a graça divina de Jesus, para ser purificado do pecado original e de todo pecado atual, é essencial uma iniciativa pessoal; É necessário crer e apresentar-se para o Batismo.

Por causa da vinda de Cristo, a transmissão do pecado por geração não muda; Seria difícil entender por que isso aconteceria; Não vemos como a Redenção teria inventado um meio de transmitir nossa natureza além da geração; e isso nos coloca em continuidade com Adão e seu pecado.

Mas tudo o que a vinda de Cristo, sua morte e ressurreição puderam fazer, ela fez; Tudo o que podia ser mudado mudou: como a nossa natureza se realiza em pessoas capazes de atos livres e voluntários, Cristo tornou possível que, com uma ação livre e voluntária, pudéssemos receber a graça, ser regenerados e recapitulados nEle.

Tenhamos presente que esta ação livre e pessoal é o ato de fé e de aceitação do Batismo. E se o ato de fé for impossível por falta de liberdade, é necessário que outras pessoas nos apresentem para o Batismo sacramental na fé da Igreja.

Sobre a necessidade absoluta do Batismo, os textos são muito claros. “Ninguém pode entrar no reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito” (João III:5; veja também Mateus XXVIII:19 e Marcos XVI:16).

Sobre a necessidade de ter fé ao se aproximar do Batismo, de ter pelo menos a fé da Igreja, mesmo que se seja incapaz de um ato consciente, a doutrina estabelecida também é muito clara: "Quando dizemos que as crianças são batizadas na fé de seus pais, o significado não é que elas seriam... fiéis pela fé de outros... Nenhum católico jamais ensinou que as crianças vivem pela fé de outros; elas vivem pela sua própria fé, que lhes é habitual. O significado também não é que a fé que as justifica vem da fé e das orações da Igreja e daqueles que as levam ao batismo, porque a fé que as justifica é infundida nelas pelo próprio sacramento, *ex opere operato sacramenti* (pela ação do próprio sacramento), elas não a têm pela devoção do ministro ou da Igreja. O significado é que o ato de fé (o passo pessoal de fé) exigido antes do sacramento é o ato próprio, não das crianças, mas de outros. Pois, se os pais ou os responsáveis pelas crianças não cressem, não as apresentariam para o Batismo." (São Roberto Belarmino, "As Controvérsias sobre o Batismo", livro 1, capítulo 2. Veja também Concílio de Trento, cânon 18 sobre o Batismo e cânon 4 sobre o Pecado Original).

Queremos mostrar aqui que a regeneração batismal em Cristo repara superabundantemente a primeira falta, ilumina os sofrimentos que ela causou e nos coloca numa condição muito superior à felicidade edênica, pois desde agora é com o mesmo Filho de Deus, feito homem por nós, que formamos um só corpo pela graça da cruz. Feliz falta!

***

Como já enfatizamos essas verdades muitas vezes, não retornaremos a elas agora. Em vez disso, consideramos um mistério relacionado: o destino de crianças que morrem em pecado original porque não foram batizadas.

Qual será o seu destino eterno?

A Igreja responde: o Limbo.

Não a indelével felicidade sobrenatural do Paraíso de Deus, na visão beatífica das Três Pessoas, na companhia do Verbo Encarnado, de Maria Mãe de Deus, dos Anjos e do Espírito Santo (Essa felicidade é inacessível para eles porque não foram purificados do pecado e não receberam a graça de Cristo.)

Não o Inferno da rebelião, do ódio e das chamas inextinguíveis, pois nunca ofenderam a Deus pessoalmente; e eles nem sequer tiveram a intenção de ofendê-lo. Seria impensável que as almas desses pequeninos, que sempre estiveram adormecidos nesta terra, despertassem de repente na eternidade para odiar e xingar.

Então, nem Céu nem Inferno, mas Limbo; um conhecimento de Deus simplesmente proporcional às forças naturais, e nada mais; um amor simplesmente natural a Deus; Nada se compara à caridade com que os Santos ardem aqui na terra e que brilha eternamente na Jerusalém celeste; uma certa, mas única felicidade natural, nada da ordem da felicidade sobrenatural dos eleitos que são introduzidos na intimidade das Três Pessoas divinas.

A condição dessas crianças é, sem dúvida, lamentável; está infinitamente abaixo do que somos chamados a fazer. Somente esses pequenos não sabem nada sobre isso e nunca terão a menor ideia; não foram iluminados pelas luzes da fé.

Partindo da ideia muito acertada de que as crianças que morrem sem Batismo não estão em estado de integridade, mas de pecado, alguns imaginaram o Limbo como um compartimento do Inferno dos condenados; um lugar horrível de tormento e ódio.

Isso se deve ao fato de não se perceber que o pecado original, por mais pecaminoso que seja, não surge da responsabilidade pessoal; É um estado de pecado herdado sem culpa pessoal, um pecado da natureza.

Ora, o Inferno, com o ódio que é sua parte constituinte e o fogo misterioso que é inseparável dele, é o castigo dos pecados pessoais; Ela pressupõe a responsabilidade do condenado, seu endurecimento deliberado no pecado enquanto ainda estava livre.

A criança que morresse sem Batismo antes da idade da razão jamais poderia praticar um ato livre. Se eu tivesse despertado nesta terra para a vida moral, teria sido em relação à ordem da graça, a única para a qual fomos feitos; deveria ter aceitado ou recusado a graça, praticado ou ignorado a lei, superado a tentação ou sucumbido.

Mas deste universo de graça e pecado ele foi excluído, achando-se incapaz de praticar qualquer ato livre. Ele morreu privado da graça, mas nunca negou a graça, nunca teve a menor noção de uma ordem de graça.

Ele morre sem nunca ter realizado um ato de concupiscência e fica para sempre imune a tais atos, porque a concupiscência não pode ser exercida no universo da vida após a morte. Neste universo inimaginável, não há mais um casamento a buscar, uma carreira a seguir, uma humilhação a vingar ou uma ambição a prevalecer.

***

O batismo é absolutamente indispensável (Batismo e Fé) para ser regenerado em Cristo e purificado do pecado original. E se o Batismo nas águas, o Batismo Sacramental, o Batismo como sinal sensível específico, conferido nesta sociedade visível e hierárquica que é a Santa Igreja, se tal Batismo pode ser suprido pelo Batismo de desejo, é porque esse desejo, que obtém a regeneração em Cristo, implica absolutamente (mesmo que apenas implicitamente) o Sacramento do Batismo.

As palavras da Escritura são formais, e a doutrina da Igreja não poderia ser mais clara sobre esta questão fundamental: "Se alguém nega que os recém-nascidos devem ser batizados, mesmo que sejam filhos de pais batizados; ou diz que são batizados para o perdão dos pecados, mas que não participam de forma alguma do pecado original de Adão, que precisam ser purificados pelo banho da regeneração para obter a vida eterna; do que se segue que a forma do batismo é entendida com relação a eles não como verdadeira, mas falsa em relação à remissão dos pecados; seja excomungado" (Concílio de Trento, cânon 4 sobre o Pecado Original).

A participação na salvação em Cristo através de uma atitude somente interior, somente pela fé, independente de qualquer sinal visível e de qualquer incorporação à Igreja, talvez não seja impensável. É certamente muito menos adequado para seres que não são espíritos puros, que dependem terrivelmente, especialmente desde a primeira falha, do universo sensível e da vida em sociedade.

Em qualquer caso, o ensinamento revelado é o que há de mais explícito sobre a necessidade do Batismo em Cristo para obter a salvação.

***

A criança não batizada que morre antes da idade da razão despertará para a vida consciente somente no outro mundo, em um mundo onde, por definição, não há escolha. Embora privado da graça que deveria ter, e ainda por cima sem saber que está privado dela, ele não pode discordar de Deus, a quem ele pessoalmente amaria, não tendo jamais feito, durante sua vida inconsciente e efêmera, o menor movimento contra Deus.

Ele despertará para a vida consciente no outro mundo, somente com aquele conhecimento natural de Deus que é próprio da alma separada; O amor natural de Deus floresce como resultado desse conhecimento e, com o amor natural de Deus, a felicidade natural.

Acrescentemos que, durante a ressurreição geral, quando toda a natureza humana, em cada um dos indivíduos, bons e maus, for completamente restaurada em Cristo pela vitória sobre a morte, os pequenos também serão ressuscitados do Limbo; Eles ressuscitarão, não para serem punidos em seus corpos, mas para associar seus corpos, que não serviram ao pecado, à felicidade natural de suas almas.

Eles não escaparão do poder que pertence a Jesus Cristo para reviver toda a carne; mas não serão admitidos à glória dos bem-aventurados na companhia de Cristo, porque nada fizeram por ela; Eles nunca tiveram meios para realizar um ato livre e, portanto, um ato de fé; e, além disso, não foram levados ao Batismo na fé da Igreja.

Ressuscitados, serão felizes também no corpo, mas não com a felicidade do Céu. O abismo permanecerá intransponível entre a felicidade natural do Limbo e a bem-aventurança celeste, que é a entrada inefável para a alegria reservada a Deus (Mt. XXV, 23).

Aqueles que, por uma bondade mal compreendida, gostariam de dar uma parte da glória eterna a essas crianças, que não são culpadas de culpa pessoal, mas, no entanto, não são batizadas, devem entender que estão abolindo a necessidade absoluta do Batismo.

Mas se o Batismo sacramental não é absolutamente necessário para a vida eterna, então a necessidade da Igreja é abolida. Uma religião definida e visível não é mais essencial. Estamos caindo na arbitrariedade e no caos.

Este é o resultado lógico de um movimento de bem que busca salvar os homens de uma forma diferente daquela estabelecida por Deus.

O pecado original, com sua privação da graça e da concupiscência, não pode ter o mesmo significado eterno para alguém que, ainda não purificado deste pecado, se compromete pessoalmente por um ato livre e, portanto, põe em questão o Céu ou o Inferno, como para alguém que, ainda não purificado, nunca teve a possibilidade de um compromisso livre.

Apesar do estado idêntico de pecado herdado, privação da graça mais concupiscência, o destino eterno é necessariamente diferente, dependendo se o estado de pecado se manifestou por escolha pessoal, ou não se manifestou devido à falta de despertar da razão.

***

Há um conjunto de verdades cuja meditação sobre o pecado original nos faz sentir o seu peso e nos mostra a sua importância capital; Aqui está uma lista incompleta deles:

– unidade da espécie humana em Adão e Eva;

– continuidade inevitável com nossos primeiros pais na ordem da falta, enquanto essa continuidade tinha que ser realizada na ordem da graça;

– continuidade com Jesus Cristo para a salvação sobrenatural, mas muito diferente da continuidade com Adão: não mais por geração e segundo a natureza, mas pelo ato pessoal de fé e pelo Sacramento do Batismo (Cânon 13 do Concílio de Trento sobre o Batismo = “Se alguém disser que as crianças, depois de receberem o Batismo, não devem ser contadas entre os fiéis, porque não fazem um ato de fé, e que por esta razão devem ser rebatizadas quando atingirem a idade e o uso da razão; ou que é mais conveniente omitir o batismo delas, do que conferir-lhes o Batismo somente na fé da Igreja, sem que creiam com um ato próprio; seja excomungado”);

– severidade da geração carnal;

– necessidade do batismo nas águas;

– a infelicidade de morrer sem ser batizado, mesmo que em virtude do sono da consciência se seja inocente de qualquer delito;
– consequências eternas e irrevogáveis da vida neste mundo, mesmo para aqueles que não praticaram nenhuma ação livre: o papel decisivo da família não apenas para dar aos filhos uma educação honesta, mas sobretudo para sua salvação eterna;

– um privilégio sem precedentes de uma filha de Adão e Eva, a Bem-Aventurada Virgem Maria, que, nascida de Adão e Eva como todos nós, foi preservada do pecado original e cheia de graça.

As coisas certamente poderiam ter sido diferentes, sem necessariamente serem absurdas. Eles poderiam ter passado de outra forma, sem serem ininteligíveis.

E muitos teólogos, culpando a si mesmos, ensinam que as coisas aconteceram de forma diferente.

Segundo eles, o pecado original se fundiria com a fraqueza da nossa natureza, e estaria longe de ser um pecado real, isto é, a morte da alma, por culpa de Adão, embora diferente do pecado pessoal.

A unidade do casal original não seria mais admissível, porque pressupõe uma perspectiva imobilista muito ultrapassada; Pelo contrário, teria havido uma proliferação de primeiros homens.

Não seria o primeiro a apagar o pecado de Adão, comunicado a todos nós, que o Filho de Deus tivesse nascido da Virgem e morrido na cruz, pois não há um único primeiro Adão, nem um verdadeiro pecado transmitido à sua descendência.

O batismo seria um rito opcional para a salvação eterna e o Limbo um mito complicado.

Essa doutrina, cada vez mais sussurrada ou proclamada abertamente, não tem mais nada a ver com a fé cristã ou com a teologia sólida.

Estas são fábulas, isto é novo, esta é uma nova religião.

Aceitamos a religião cristã tal como ela é, bem como a verdade cujo cuidado e depósito é a Igreja de Cristo, estando absolutamente certos de que seremos salvos somente pela profissão de fé teologal e pela caridade fundada nesta fé.

Da mesma forma, o mundo só pode ser salvo proclamando a verdadeira fé. Dar-lhe qualquer outra coisa, mesmo romances teológicos habilmente elaborados, dos quais ele gosta por um tempo, é afastá-lo da salvação, não é mostrar-lhe misericórdia, apesar das aparências.

A primeira misericórdia que deve ser demonstrada ao mundo é transmitir-lhe, em sua integridade e transcendência, a fé católica.

Padre Roger-Thomas Calmel, O.P.

Compartilhe nossa postagem